

CONVERSÃO

1. O espírito de amor

Enquanto me dou conta que, de há dez anos, não fazia a mínima ideia de como as coisas me iriam acontecer, continuo, no entanto, a manter a ilusão de que tenho o controlo da minha própria vida. Gosto de decidir tudo a minha maneira, a próxima coisa que farei, o objetivo que quero atingir é imaginar o que os outros pensarão de mim. Enquanto estou ocupado com a própria vida, torno-me insensível aos movimentos impercetíveis do Espírito de Deus em mim, apontando-me para direções bastante diferentes das minhas.

É necessária uma grande capacidade para criar silêncio solidão interior e nos tornarmos conscientes destas inspirações divinas. Deus não grita nem empurra. O Espírito de Deus é calmo e sereno como uma voz suave ou uma ligeira brisa. É o Espírito de amor. Se calhar, ainda não acreditamos perfeitamente que o Espírito de Deus é, na verdade, o Espírito de amor que nos conduz cada vez mais profundamente para o amor. Se calhar, ainda não confiamos no Espírito, com medo de sermos conduzidos para lugares que nos possam tirar a liberdade. Ou, quem sabe, ainda pensamos no Espírito de Deus como um inimigo que exige de nós algo que julgamos não ser bom para nós.

Mas Deus é amor, só amor, e o Espírito de Deus é o Espírito de amor que anseia por nos guiar para lugares onde os desejos mais profundos do nosso coração podem ser satisfeitos. Com frequência, nem sequer nós próprios sabemos qual é o nosso mais profundo anseio. Ficamos muito facilmente enredados pela nossa cobiça e raiva, partindo do pressuposto errado de que esses sentimentos nos comunicam o que realmente queremos.

O Espírito de amor diz: «Não tenhas receio de pôr de lado a necessidade que sentes de controlar a tua própria vida. Deixa-me preencher os verdadeiros desejos do teu coração».

2. Olhar em volta

As palavras de Jesus: «Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo» (cf. Mt 6, 33) são o que melhor sintetiza a maneira como somos chamados a viver a vida; com o coração fixo no reino de Deus. Esse reino não é nenhuma terra longínqua que um dia esperamos alcançar, nem é a vida depois da morte ou um estado ideal. Não. O reino de Deus é, antes de mais, uma presença ativa do espírito de Deus no nosso íntimo que nos oferece a liberdade por que realmente anelamos.

E, por isso, a principal questão é a seguinte: como centrar, acima de tudo, o nosso coração no reino, se ele está preocupado com tantas coisas? De alguma forma, é necessária uma mudança de coração, uma mudança que nos possibilite a experiência da realidade, da nossa existência do ponto de vista de Deus.

Uma vez, assisti a uma mímica em que um homem se esforçava por abrir uma das três portas dum quarto em que se encontrava, Ele empurrava e puxava as maçanetas das portas, mas nenhuma das portas se abria. Então deu um pontapé no painel de madeira da porta, mas a madeira não cedeu. Finalmente, deixou-se cair com todo o seu peso contra as portas, mas nenhuma delas cedeu.

Era uma visão ridícula, mas muito hilariante, porque o homem estava tão concentrado nas três portas fechadas que nem sequer reparou que o quarto não tinha parede e que podia perfeitamente sair, bastando para isso olhar a sua volta.

A conversão é isto mesmo. É uma volta completa que nos permite descobrir que não somos prisioneiros como julgamos ser. Do ponto de vista de Deus, frequentemente parecemo-nos com o homem que procura abrir as portas fechadas do seu quarto. Preocupamo-nos com muita coisa e chegamos mesmo a causar magoa a nós próprios por nos preocuparmos tanto. Deus diz: «Dá uma volta, centra o teu coração no meu reino. Eu dou-te toda a liberdade que quiseses».

3. Resposta do alto

É impressionante constatar que Jesus raramente responde às perguntas que as pessoas Lhe fazem. Quando a mãe de Tiago e João Lhe pede para pôr os seus filhos um à sua direita e outro à sua esquerda no reino, Ele diz: «Podeis beber o cálice que Eu vou beber?» (Mt 20, 22). Quando os saduceus falam a Jesus duma mulher que tinha tido sete maridos e Lhe perguntam de quem será essa mulher no dia da ressurreição, Ele responde: «Na ressurreição, nem os homens nem as mulheres contrairão matrimónio; mas serão como os anjos no céu» (Mt 22, 30). Quando os apóstolos Lhe perguntaram: «Senhor, chegou o tempo em que vais restaurar o reino de Israel?», Jesus responde: «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade. Mas ides receber a força do Espírito Santo... e sereis minhas testemunhas (Act 1, 6-8).

O que é que acontece? Jesus dá a resposta do alto a perguntas levantadas de baixo. A mãe de Tiago e João está preocupada com o poder e a influência. Os saduceus querem que Jesus resolva um problema teológico, e os apóstolos

querem que Jesus os liberte dos ocupantes romanos. Mas todas as preocupações deles vêm de baixo; têm origem nas complicações causadas pelos poderes do mundo. Jesus não dá respostas a partir de baixo. As suas respostas situam-se num lugar muito para além dos poderes do mundo. As suas respostas provêm da sua mais íntima comunhão com Deus.

Para entendermos verdadeiramente as respostas de Jesus, precisamos de renascer do alto. A Nicodemos Ele diz: «Em verdade te digo que quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus» (Jo 3,3).

A vida espiritual é a vida daqueles que renascem do alto - dos que recebemos o Espírito que vem de Deus. Essa vida permite-nos arrambar a nossa prisão de escravidão humana e torna-nos livres para uma vida em Deus. Jesus di-lo claramente: «O que nasceu da natureza humana é humano e o que nasceu do Espírito é espírito» (Jo 3, 6).

4. Convite a conversão

Na nossa procura incessante por um sentido, temos que continuar a ler livros e jornais de forma espiritual. A pergunta que deveríamos fazer sempre e a seguinte: «Porque e que vivemos?». Todos os acontecimentos da nossa vida curta precisam de ser interpretados. Os livros e os jornais servem para nos ajudar a ler os sinais dos tempos e a dar sentido à vida. Jesus diz: «Quando vedes uma nuvem levantar-se do poente, dizeis logo que vai chover e assim sucede. E, quando sopra o vento sul, dizeis que vai fazer calor e assim acontece. Hipócritas! Sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu. Como é que não sabeis interpretar o tempo presente?» (Lc 12, 54-56).

É este o autêntico desafio. Jesus não olha para os acontecimentos dos nossos dias apenas como uma série de incidentes e acidentes que pouco tem a ver connosco. Jesus olha para os eventos políticos, económicos e sociais da nossa vida como sinais que apelam para uma interpretação espiritual. Precisamos de os ler espiritualmente. Mas como?

O próprio Jesus nos mostra como. Certa vez, umas pessoas Lhe deram a notícia de que o governador Pilatos tinha executado alguns revoltosos da Galileia e tinha misturado o seu sangue com o dos sacrifícios romanos. Ao ouvir isto, Jesus respondeu: «Julgais que esses galileus eram maiores pecadores que todos os outros, por terem sofrido assim? Em verdade vos digo que não. Mas, se não vos arrependerdes, perecereis como eles» (Lc 13, 2-3).

Jesus não dá uma interpretação política dos acontecimentos, mas espiritual. Ele diz: «O que aconteceu convida-te a conversão!». E este o sentido mais

profundo da história: um convite constante a voltarmos o coração para Deus e a descobirmos o pleno significado da nossa vida.

5. Porque a Sida?

Quando começarmos a ler os acontecimentos dos nossos dias como um chamamento à conversão, a nossa percepção da história muda radicalmente. Desde que alguns amigos meus morreram de Sida e cheguei ao conhecimento da vasta rede de pacientes de Sida, bem como dos que trabalham com eles e para eles, tenho-me perguntado sobre o «porquê» de tudo isso. Porque é que esta epidemia está a causar a morte a tantos milhares de pessoas, jovens e velhos, homens e mulheres?

Quando John, o filho homossexual dum amigo meu de San Francisco foi contagiado pela Sida, a doença já não era uma realidade desconhecida para mim. Visitei o John durante a sua doença. Ele apresentou-me os amigos e fez-me tomar consciência dos imensos sofrimentos físicos e emocionais de inúmeros jovens adultos.

Jesus pergunta-me: «Julgas que estes homens são maiores pecadores do que tu, e que isto lhes devia acontecer a eles?». E chego à conclusão chocante de que a única resposta possível é esta: «Não, não são - mas, se não te arrependeres, perecerás como eles. Essa resposta põe tudo de pernas para o ar. A morte das pessoas gay apelam à minha conversão.

O que a Sida tem mostrado e a dramática relação entre amor e morte. Estes homens, na procura desesperada de alguém a quem amar, viram-se a si mesmos devorados pelos poderes da destruição e da morte. Mas Deus é o Deus dos vivos, não dos mortos! O amor de Deus traz vida, não morte. Os meus irmãos gay estão a morrer deste modo e isso deve fazer com que eu possa voltar-me mais radicalmente para Deus e n'Ele encontrar plenitude para as ânsias do meu corpo, da minha mente e do meu coração. Devo aprender a ler a Sida como um dos sinais do nosso tempo, chamando-me à conversão. E devo pedir para ter a coragem de proceder assim.

6. A missão «de retorno»

Numa altura em que passei alguns meses numa das «cidades novas» que estão à volta de Lima, Peru, ouvi, pela primeira vez, o termo «missão de retorno». Eu vinha do Norte para o Sul para ajudar os pobres, mas, quanto mais tempo estava com os pobres mais me dava conta de que havia uma outra missão, a missão do Sul em relação ao Norte. Quando voltei ao Norte, estava profundamente convencido de que a minha principal tarefa era ajudar os irmãos da América Latina a converter os seus irmãos e irmãs ricos dos

Estados Unidos e do Canadá. Desde então, tomei consciência de que, onde quer que o Espírito de Deus esteja presente, dá-se aí uma missão de retorno.

Quando me pus em marcha com milhares de americanos negros e brancos de Selma até Montgomery, no Verão de 1965, para apoiar os negros na sua luta pela igualdade de direitos, Martin Luther King já tinha dito que o mais profundo significado espiritual do movimento dos direitos civis era os negros chamarem os brancos a conversão.

Quando, alguns anos mais tarde, aderi à Associação Arche para viver e trabalhar com deficiências vertes mentais, depressa compreendi que a minha verdadeira tarefa era deixar que aqueles a quem eu queria ajudar me oferecessem - e, através de mim, a muitos outros - os seus dons espirituais únicos.

Este «retorno» é o sinal do Espírito de Deus. Os pobres têm uma missão para com os ricos, os negros têm uma missão para com os brancos, os deficientes têm uma missão para com os «normais», os gays têm uma missão para com os «hetero», os moribundos tem uma missão para com os vivos. Aqueles que o mundo fez vítimas.... foram os que Deus escolheu para serem mensageiros da Boa Nova.

Quando Jesus ouviu dizer que dezoito pessoas tinham morrido quando a torre de Siloé lhes caiu em cima, perguntaram-Lhe se esses homens e mulheres eram mais pecadores que os outros. E Ele respondeu: «Não, não eram, vos garanto. Mas, se não vos arrependerdes, perecereis como eles» (cf. Lc 13,5). Jesus mostra que as vítimas se tornam nossos evangelizadores, chamando-nos à conversão. Esta é a «missão de retorno» que continua a surpreender-nos.

7. As perguntas de Deus

Os judeus que foram mortos nas câmaras de gás dos campos de concentração nazis eram mais culpados que nós? E que dizer dos índios Maya da Guatemala, que foram sequestrados, torturados e executados pelos militares, e dos milhões de africanos que morreram de fome ... ? E que dizer dos que perpetraram essas mortes?

Estas são as perguntas a partir de baixo, as perguntas que fazemos quando queremos saber quem é melhor ou pior do que nós. Mas estas não são perguntas do alto. Não são perguntas de Deus. Deus não nos pede para definir o nosso espaço na humanidade, acima ou contra as outras pessoas. A pergunta de Deus é: «Estás tu a ler os sinais dos teus tempos como sinais que exigem que te arrependas e te convertas?». O que realmente conta é a nossa

vontade de deixar que o imenso sofrimento dos nossos irmãos e irmãs nos libertem de toda a arrogância e de todo o julgamento e condenação e nos façam ter um coração manso e humilde como o de Jesus.

Perdemos horas lamentáveis a fazer juízos sobre os outros. Uma troca incessante de opiniões sobre pessoas próximas de nos ou longínquas, mantém-nos distraídos e não nos deixa descobrir a verdade de que nós mesmos somos os primeiros a precisar duma mudança de coração e provavelmente os únicos cujo coração deve realmente mudar.

Todavia, continuamos sempre a dizer: «Mas então... e ele? Então... e ela?». O que Jesus nos diz, como disse a Pedro, que queria saber o que iria acontecer a João, é: «O que é que isso tem a ver contigo? Tu, porém, segue-Me» (cf. Jo 21,21-22).

8. O peso do julgamento

Imaginemos que não temos nenhuma necessidade de julgar ninguém. Imaginemos que não temos nenhuma vontade de decidir se alguém é boa ou má pessoa. Imaginemos que somos completamente livres de sentir e ajuizar sobre o tipo de comportamento, seja de quem for. Imaginemo-nos com capacidade para dizer: «Não vou julgar ninguém!».

Imaginemos - não seria isto uma autêntica liberdade interior? Os Padres do deserto do século IV diziam: «Julgar os outros é um fardo pesado. Eu tive alguns momentos na vida em que me senti livre da necessidade de fazer qualquer juízo de valor acerca dos outros. Senti que me tinha sido tirado um peso dos ombros. Nesses momentos, experimentei um amor imenso por todos os que encontrei, por todos aqueles de quem ouvi algumas coisas e, sobretudo, por aqueles dos quais li algumas coisas. Uma solidariedade profunda com todos os povos e um profundo desejo de os amar desceram as paredes do meu íntimo e tornaram o meu coração grande como o universo.

Um desses momentos ocorreu depois duma passagem de sete meses por um mosteiro de Trapistas. Vivia tão inundado da bondade de Deus que via essa bondade onde quer que fosse, mesmo atrás das fachadas de violência, destruição e crime. Tive que me coibir de abraçar as mulheres e homens que me venderam géneros alimentícios, flores e um fato novo. É que todos me pareciam santos.

Todos podemos desfrutar destes momentos se estivermos atentos ao movimento do Espírito de Deus dentro de nós. São como amostras de céu, de beleza e de paz. É fácil descartar estes momentos como produto dos nossos sonhos ou da nossa imaginação poética. Mas, quando optamos por

pedi-los como uma forma de Deus nos dar umas pancadinhas no ombro e de nos mostrar a verdade mais profunda da existência, gradualmente somos capazes de ultrapassar a necessidade de julgar os outros e a inclinação, para ajuizar acerca de tudo e de todos. Então poderemos crescer rumo a uma verdadeira liberdade interior e a uma verdadeira santidade.

Mas, só poderemos por de lado o fardo pesado de julgar os outros quando não nos importarmos de suportar o ligeiro peso de ser julgados!

9. Clamando pelo amor de Deus

Mas será que podemos verdadeiramente libertar-nos da necessidade de julgar os outros? Sim... aplicando a nós próprios a verdade de que somos os amados Filhos e filhas de Deus. Se continuarmos a viver como se fôssemos aquilo que fazemos, o que temos e o que os outros pensam de nós, ficaremos apegados a juízos de valor, opiniões, avaliações e condenações. Continuaremos dependentes da necessidade de pôr os outros e as coisas no «seu lugar», como se costuma dizer. Na medida em que aceitarmos a verdade de que a nossa identidade não está enraizada no sucesso, no poder ou na popularidade, mas sim no amor infinito de Deus, nessa mesma medida seremos capazes de prescindir do julgar os outros.

«Não julgueis e não sereis julgados, porque a medida com que medirdes será a medida com que sereis medidos», (Mt 7, 1). Deste e de todos os outros textos do Evangelho, é claro que o julgamento que Deus faz de nós não é o resultado de qualquer cálculo divino, em que, de resto, nós não temos parte, mas o reflexo directo da nossa falta de confiança no amor de Deus. Se pensarmos que somos o somatório dos nossos sucessos, popularidade e poder, tornamo-nos dependentes da forma como julgamos e é desse modo que seremos julgados. E acabaremos por ser vítimas manipuladas pelo mundo. E, assim, faremos reverter o julgamento sobre nós próprios. A nossa morte significará não só o fim de nós mesmos, uma vez que somos reduzidos a nada, mas o resultado do que tivermos pensado dos outros e do que os outros tiverem pensado de nós.

Só quando clamamos pelo amor de Deus, o amor que transcende todos os julgamentos, e que podemos vencer todos os receios de julgamento. Quando nos tornamos completamente livres da necessidade de julgar os outros é que seremos também completamente livres do medo de ser julgados.

A experiência de não ter que julgar não pode coexistir com o medo de ser julgado, e a experiência do amor de Deus «que não julga» não pode coexistir com a necessidade de julgar os outros. É o que Jesus entende quando diz: «Não julgueis para não serdes julgados». A conexão entre as duas partes

desta frase é a mesma que existe entre o amor de Deus e o amor do próximo. Não podem separar-se. Esta conexão, contudo, não é simples mente uma É conexão lógica sobre a qual se possa raciocinar. E, antes de mais e acima de tudo, uma conexão a que o coração chega através da oração.

HENRY J. M. NOUWEN, *Aqui e agora, Vida no Espírito, Paulinas, 2006, 4ª ed., cap. IV, Conversão, pp. 50-63*